

# A PROCISSÃO DOS MORTOS



A morte é algo sempre muito impactante em qualquer cultura; o que muda é a forma como cada uma lida com ela. No Brasil, e especialmente em Siderópolis, creio que por influência dos imigrantes italianos, o Dia de Finados se tornou um bom exemplo de como encaramos a morte e a memória dos que já se foram.

Aceitar a morte é um desafio para a grande maioria de nós. Nós, cristãos, encontramos conforto na crença de que a morte é o final de um ciclo, o descanso da alma e acima de tudo, na esperança de que um dia vamos reencontrar nossos entes e amigos queridos.

Pensando sobre isso, cheguei à conclusão de que o Dia de Finados é um dia de reencontro, não apenas com a memória daqueles que já não estão mais fisicamente entre nós, mas também entre familiares e amigos que mantêm laços através das lembranças dos que partiram. É como se, de alguma forma, eles ainda influenciassem em nossas vidas. Não por acaso, é justamente no Dia de Finados que reencontramos parentes e conhecidos que há tempos não víamos.

Não se trata de romantizar a dor da perda, mas de constatar que ainda mantemos laços que vão além das lembranças. Como diz o ditado: só morre de verdade quem é esquecido. E, embora o cemitério seja culturalmente visto como um lugar triste, sua função como espaço de memória é inquestionável. Reconheço nele não apenas a tristeza da saudade, mas também um espaço sagrado de boas lembranças, lembranças que merecem permanecer vivas e serem compartilhadas.

Uma das lendas mais conhecidas ligadas ao Dia de Finados é a da procissão dos mortos. Dizem que, na madrugada do dia 2 de novembro, as almas saem em procissão do cemitério, percorrendo silenciosamente as ruas da cidade.

Entre céticos e temerosos, em uma noite distante no antigo vilarejo de Nova Belluno, amigos se reuniam nos bares para beber, jogar baralho e, claro, contar boas histórias. As risadas iam longe enquanto relembavam o caso de uma moça que se apavorou ao ouvir o que acreditou ser uma discussão acalorada entre Deus e o Diabo, dividindo almas lá dentro do cemitério:

— Esse é meu! dizia uma das vozes.

— Então eu vou ficar com essas duas aqui! retrucava a outra.

No outro dia, tudo foi esclarecido: eram dois ladrões que haviam sido presos na madrugada, discutindo a divisão dos produtos do “trabalho” dentro do cemitério.

Alguém lembrou ainda, do caso do jovem que, ao se aproximar do cemitério à noite, começou a ouvir um barulho estranho que parecia segui-lo.

Conforme aumentava discretamente o passo, o som também se intensificava: chic... chic... chic. Tomado pelo pavor, disparou em corrida, e quanto mais corria, mais o barulho o acompanhava. Chegou em casa exausto, em choque, até perceber que o som vinha de sua própria calça boca de sino, cujo pano roçava uma perna na outra a cada passo.

E os causos se acumulavam, também tinha a história de uma jovem que se gabava da própria coragem. Desafiada a provar sua valentia, aceitou ir sozinha ao cemitério à noite. Para comprovar o feito, deveria levar uma estaca e fincá-la no chão, para que no dia seguinte todos pudessem ver a marca de sua bravura.

Já na madrugada, a moça entrou confiante no cemitério, estaca em mãos, decidida a cumprir o desafio. Minutos depois, o silêncio foi quebrado por gritos desesperados que vinham de lá de dentro:

— Socorro! Socorro! Me larga! Por favor, me larga!

Acionados, policiais desconfiados adentraram o cemitério, empunhando tremulamente suas armas.

— O que está acontecendo aí? indagaram.

Entre soluços, a jovem respondeu:

— Um espírito maligno me agarrou!

Ao se aproximarem, ainda tomados pelo medo, os policiais viram a moça agachada, lutando para se soltar do chão. Foi então que constataram o ocorrido: ao fincar a estaca, ela havia atravessado o próprio avental, prendendo-se sozinha ao solo.

E a cada nova história, mais risadas quebravam o silêncio

Foi então que Bepe relembrou a história da procissão dos mortos que ouvira quando criança. O grupo logo se dividiu: alguns acreditavam fielmente, outros diziam ser besteira. Até que uma voz firme se levantou:

— É verdade... e eu vi com meus próprios olhos. Disse Joanin, com a seriedade de quem não estava brincando.

Um silêncio pesado tomou o ambiente. Todos se ajeitaram, atentos para ouvir:.

— No último dia 1º de novembro, eu estava aqui mesmo, jogando baralho e bebendo com vocês. Já era madrugada do dia 2, Dia de Finados, quando resolvi ir pra casa. Ao chegar perto do cemitério, vi ao longe uma procissão se formando no corredor. Lembrei das histórias e do que diziam: que não era preciso ter medo, apenas respeitar, não interferir e, acima de tudo, não falar com ninguém.

— E não te deu medo? perguntou alguém.

— Não. Fui tomado por uma paz muito grande. O tempo parecia parado; nem o vento soprava. Vi as almas passando em fila pelo portão do cemitério, cada uma segurando uma vela que quase não fazia luz, só o suficiente para iluminar o semblante fosco de cada rosto. Do jeitinho que a história dizia. Não era preciso temer: eram apenas almas visitando as antigas casas, vendo se estava tudo certo.

Joanin suspirou fundo antes de continuar:

— Vi muita gente conhecida. Seu Pedro me acenou com a cabeça e já não mancava ao caminhar. Dona Tereza e Seu Ângelo passaram segurando um bebê, acho que o filho que perderam logo depois do parto. Meu pai e minha mãe passaram também, e me acenaram como quem diz: “está tudo bem”. Enquanto a procissão ainda se formava, muitas almas seguiam caminho rumo às casas onde um dia viveram.

E o relato continuava com a serenidade de quem não estava inventando coisas:

— Quando a procissão estava acabando, fui surpreendido por alguém que veio na minha direção. Não fiquei com medo, mas o coração bateu mais forte. Não reconheci aquele semblante. Era um homem alto, magro, calvo, com um bigode fino, talvez quarenta e poucos anos. Não falou nada; apenas estendeu o braço, me oferecendo a vela que segurava. Eu relutei, mas pensei que seria desrespeitoso não aceitar...

— Mas, Joanin! Interrompeu Bepe, já pálido.

— Tu não lembra que a dona Colombina dizia que não era pra falar e nem aceitar nada de ninguém? Muito menos a vela! Que a vela não é vela coisa nenhuma... é um osso! E que, quem aceita... no ano seguinte está na procissão!

A cor sumiu do rosto de Joanin. Ele engoliu seco.

— Meu Deus... Murmurou.

— De fato... a vela era um osso. Eu... eu até enterrei aquilo!

O bar ficou em silêncio. Um silêncio pesado, quase ritual, de fato muitos ali já tinham ouvido falar da história e das orientações para não aceitar nada de quem estivesse na procissão.

Depois de alguns meses, Joanin já não contava mais seus causos. Os amigos passaram a falar dele com saudade e com uma dúvida estranha, será que de fato ele cumpriu seu destino por ter aceito a vela, ou, aos 81 anos, Joanin havia cumprido naturalmente sua jornada terrena?

A dúvida permanece, mas o certo é que mesmo ausente fisicamente, Joanim ainda vive nas memórias dos amigos e parentes, fazendo

as pessoas rirem ao relembrar e compartilhar momentos únicos na sua presença.

**Narração e ilustração: Macsuel De Bona, historiador, pós-graduado em Patrimônio Cultural.**